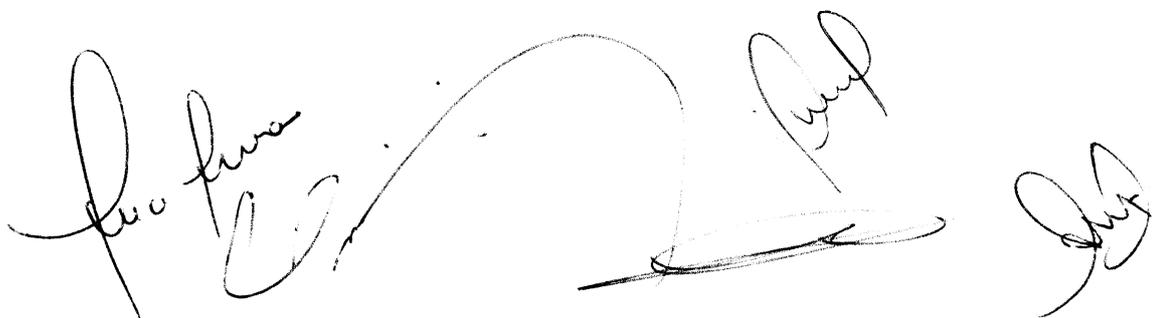


Ata da **REUNIÃO ORDINÁRIA do Comitê de Investimentos** do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU, realizada aos catorze dias do mês de junho de dois mil e treze, às nove horas, na sala de reuniões da sede do IPMU, onde compareceram os membros, conforme Portaria IPMU nº 040/2010: Carlos Eduardo Castilho , Dirceu Sanches, Sirleide da Silva, Ireni Tereza Clarinda da Silva e Silvia Moraes Stefani Lima. Aberta a reunião os membros do Comitê de Investimentos a passaram a analisar o **Relatório sobre o Mercado Financeiros e Carteira de Investimentos, conforme processo IPMU/033/2013**. O mês de maio foi marcado por três tópicos que influenciaram significativamente a evolução dos preços dos ativos: discussões sobre a retirada do estímulo monetário americano, estímulo monetário do Banco Central Japonês e preocupações com o ritmo de crescimento da economia chinesa. As notícias não são favoráveis para quem aposta em uma firme retomada do crescimento da economia mundial . **Nos Estados Unidos**, as declarações de importantes membros do FED – Banco Central Americano, confirmadas pelo presidente Ben Bernanke, de que dados favoráveis de inflação e emprego podem antecipar o término ou a redução de compras dos títulos públicos, dominou as discussões, fazendo com que atividade industrial recuasse para próximo a fronteira dos 50 (que separa atividade em expansão da contração). **No Japão**, o afrouxamento monetário realizado pelo Banco Central, com o objetivo de estimular a economia, manteve a tendência de desvalorização do iene que, somente em 2013, atinge quase 14% contra o dólar americano. Como resultado, as exportações começaram a ganhar ímpeto e incentivam o aumento da produção e a bolsa japonesa demonstrou força, chegou a bater recorde histórico, mas terminou maio com leve queda de quase 1%. **Na China**, os números evidenciam cada vez mais a fragilidade do crescimento baseado no mercado interno chinês. Dados de crescimento abaixo das expectativas, juntamente com declarações das autoridades sugerindo a busca por um crescimento mais balanceado (mercado interno e externo), contribuíram para a queda das commodities (petróleo, -1,6%, minério de ferro, -17%), afetando fortemente as moedas de países exportadores de matéria prima (dólar australiano, -7,7%, BRL, -7%, dólar canadense, -2,9%). Já na **Zona do Euro**, os dados da atividade industrial só reforçam o quadro de contração vivenciado pela região do euro. O Banco Central Europeu cumpriu o combinado e cortou a taxa básica de juros e de empréstimos: a taxa básica caiu de 0,75% para 0,50% a.a. e a taxa de empréstimos a bancos comercial foi reduzida de 1,5% para 1,00% a.a. E foi além, deixou a porta



aberta para novo corte, inclusive considerando a possibilidade de levar a taxa de depósito para território negativo, o que seria uma imensa mudança na forma de conduzir a política monetária na zona do euro. **Uma taxa negativa significa que os bancos teriam que pagar para deixar seus recursos depositados no Banco Central Europeu**, o que funciona como uma punição e uma forma de induzi-los a emprestar. No conjunto, os 17 países que utilizam a moeda comum registraram queda do PIB pelo 6º trimestre consecutivo, sendo o período mais longo desde 1995 e as economias encolheram nos três primeiros meses do ano, mantendo o bloco comercial em recessão pelo mais longo período desde que a moeda única foi adotada. Trata-se de um novo indicador profundamente desfavorável, depois de o desemprego da região ter atingido sua mais alta marca. **Todas as esperanças continuam depositadas em uma recuperação da demanda externa**, mas com o aperto fiscal nos Estados Unidos e a recuperação na China ainda em dúvida, o estímulo que as exportações líquidas propiciarão não será grande. **No Brasil**, as preocupações permaneceram as mesmas: baixo crescimento (o PIB do 1º trimestre cresceu abaixo do esperado), inflação corrente e expectativas inflacionárias elevadas, dificuldades na condução política dos projetos do governo e deterioração fiscal e deterioração externa. Mesmo com PIB – Produto Interno Bruto mais fraco do que o esperado, o Comitê de Política Monetária – Copom, do Banco Central, elevou Selic em 0,5 pontos percentuais, subindo a taxa básica de juros para 8% a.a. (estava em 7,50% a.a.). É a segunda vez que os juros sobem desde julho de 2011, em uma decisão unânime. O Mercado já esperava uma elevação na taxa básica de juros, mas maioria das projeções indicava uma elevação na faixa de 0,25 pontos percentuais. O Comitê avalia que a decisão contribuirá para colocar a inflação em declínio e assegura que essa tendência persista no próximo ano. Economistas de instituições financeiras elevaram a perspectiva para a **Selic neste ano a 8,5%** e reduziram a projeção para a **expansão da economia a 2,77%** após o Banco Central ter aumentado a taxa básica de juros e o PIB ter crescido menos do que o esperado no primeiro trimestre. O cenário para economia brasileira é preocupante, conjuga **baixo crescimento com inflação em patamares elevados**, sem indicação de que o governo pretenda mudar o rumo da política econômica. Nos **MERCADOS FINANCEIROS**, o mau humor tomou conta da **Bovespa** no último pregão do mês de maio, levando o índice a cair **cerca de 2 % na sessão** e amargar sua pior queda mensal em um ano, diante das **preocupações com as perspectivas para a economia brasileira. A combinação de fraco crescimento econômico com inflação e juros em alta** tira o ânimo de investidores e motiva profissionais do mercado a



traçar um cenário pouco favorável para a Bovespa em junho. Para os analistas financeiros, olhando para frente, não tem como se animar, considerando que não há perspectiva de aceleração da atividade e o aumento dos juros deixa as ações ainda menos atrativas em comparação com a renda fixa. Não se vê nenhum sinal de melhora no curto prazo. **A bolsa brasileira fechou negativa pelo quinto mês seguido.** O mercado operou o mês sem um direcional definido, oscilando entre altos e baixos. Mas no final do mês, os investidores buscaram realizar lucro, levando a maioria das bolsas mundiais a fecharem em baixa. **O Índice Bovespa está prestes a completar um ano de movimento lateral.** Segundo analistas técnicos, o **horizonte para esse quadro mudar ainda não é visível.** Desde junho de 2012 até o final de maio de 2013 pode-se perceber o deslocamento do índice, comprimido entre 52,5 mil pontos e 63,5 mil pontos. Além da fraqueza econômica, analistas citam, que o intervencionismo é muito forte no Brasil, levando a desaceleração dos investimentos e menor potencial de PIB. Eles recomendam o México como opção de investimentos: o país cresceu muito, tem inflação menor, menores taxas de juros, um câmbio forte e ainda está envolvido em reformas estruturais que melhora o crescimento de longo prazo. A presença das ações da OGX na **carteira teórica atual do índice Bovespa deve patrocinar flutuações importantes no curto, médio e longo prazo.** O investidor deve se preparar para viver quatro meses de muita volatilidade. As ações que compõem o índice representam 80% das negociações realizadas nos 12 meses anteriores, e participaram em, pelo menos 80% dos pregões. Essa carteira é reavaliada a cada quatro meses, definindo os pesos de ponderação de cada uma das ações da carteira teórica. **No período de 06 de maio a 30 de agosto de 2013,** uma nova carteira irá determinar a lucratividade desse índice. Ela é composta de 71 ações de 65 empresas distintas. Apesar da quantidade de ações, mais de 50% da carteira se concentram em 13 ações de 11 empresas. Cinco ações, VALE PNA, PETROBRAS PM, OGX PERTÓLOE ON, ITAÚ PN E BRADESCO PN, representam quase 30% do índice. Juntas, Petrobrás e Vale, respondem por 22% do índice. Com relação a **RENDA FIXA, os fundos atrelados ao IMA-B** foram marcados por um forte ajuste na curva de juros, com reflexo **significativo** sobre os preços dos títulos indexados à inflação, que se desvalorizaram ao longo de todos os vértices. O índice IMA-B total apresentou desvalorização de (-)4,52%, IMA-B 5 variação de (-)1,19% enquanto o IMAB 5+ se depreciou (-)6,27%. Esse ajuste ocorreu, sobretudo pela percepção de que o Banco Central poderia acelerar o aperto monetário para controlar a inflação. Nem mesmo a divulgação do IPCA-15 mais moderado para o mês de maio, nem o desempenho



mais ameno do PIB referente ao 1º trimestre de 2013, afastaram a possibilidade de um aperto monetário maior. Os títulos **prefixados – IRFM**, também mostraram uma elevada volatilidade, o índice IRF-M total apresentou depreciação de (-)0,87%, IRF-M1 subiu 0,38%, enquanto o IRFM1+ se depreciou em (-)1,44%. Expectativa de alta dos juros **levou à maior queda mensal da história dos fundos de inflação** e também prejudicou a média das carteira multimercados. Alta de juros, desvalorização do real e crescimento econômico abaixo das expectativas: o mix macroeconômico de maio, concentrado na última semana, foi altamente nocivo para o mercado de fundos de investimentos. Os investidores têm mostrado persistente desânimo com a bolsa local, especialmente os estrangeiros, que retiraram cerca de 668 milhões de reais da Bovespa em maio, além do ainda elevado nível de posições vendidas no índice futuro, com pouco mais de 141 mil contratos em aberto. **No pano de fundo está a constante preocupação com a economia brasileira. A avaliação inicial era de que esse seria um ano bom para a bolsa (brasileira), mas os números estão demonstrando que não será. Analisando o fechamento do mês, a Carteira de Investimentos do IPMU apresentou a seguinte performance:** a-) aumento da desvalorização dos fundos de renda variável, passando de R\$ 1.781.253,41 para R\$ 2.052.149,56 no acumulado; b-) saldo financeiro (R\$ 199.285.325,32) permanece inferior a meta atuarial (R\$ 218.891.325,32). Para atingir a **meta atuarial em 2013** será necessário um **crescimento mensal** de aproximadamente **1,915%** entre os meses de junho e dezembro; c-) com exceção dos fundos de crédito privado (desenquadramento passível devido a desvalorização nos segmentos de renda variável e fixa), todos os demais fundos de investimentos estão enquadrados conforme Resolução CMN 3.922/2010, d-) enquadramento das aplicações financeiras conforme Política de Investimentos: carteira de títulos públicos, fundos de crédito privado e fundos 100% títulos públicos acima do percentual estabelecido, e-) rentabilidade dos fundos de investimentos comparado com a meta atuarial: carteira de títulos públicos (títulos 2015 e 2024 conseguiram superar a meta); fundos de ações (nenhum fundo superou a meta) e fundos de renda fixa (somente os fundos fundos de crédito privado atrelados ao IPCA, conseguiram superar a meta) e f-) aplicação por instituição financeira conforme política de investimentos e Resolução 3.922/2010. Dando sequência à pauta, os membros do Comitê de Investimentos decidiram aplicar o **repasso da contribuição previdenciária da Prefeitura Municipal de Ubatuba**, no valor de **R\$ 830.000,00**, que será disponibilizado no dia 17/05/2013, no fundo Ibovespa ativo **HSBC FIC FI AÇÕES IBOVESPA REGIMES DE PREVIDÊNCIA**, classificado no artigo 8º -



I, levando em consideração a indicação da consultoria RISK OFFICE e na performance no período (aplicação de R\$ 500.000,00 - quinhentos mil reais) e no fundo de ações ativo **SULAMÉRICA TOTAL RETURN FIA**, classificado no artigo 8º III, levando em consideração a indicação do gestor e a performance no período (aplicação de R\$ 330.000,00 - trezentos e trinta mil reais). Ato contínuo, dos membros do Comitê de Investimentos, aprovaram a análise de novos fundos de investimentos para possível aplicação de recursos: a-) *Caixa Econômica Federal* (Caixa ETF Ibovespa Fundo de Índice artigo 8º II, Caixa FI Ações Brasil ETF Ibovespa - artigo 8º III), *Banco do Brasil* (BB Ações PIPE - artigo 8º III), *Santander* (Santander IMA-Geral - artigo 7º - b - I), *Banco Pactual* e da *Forte Investimentos*. Para finalizar a reunião, os membros do Comitê de Investimentos, são informados que a instituição financeira, **Genus Capital Group**, encaminhou ao Instituto de Previdência, relação de fundos para possível investimento: fundo de renda fixa IMA-B (carência de 1.800 dias) e fundo de renda variável SmallCaps (carência de 1.800 dias). Devido ao prazo de carência elevada e a falta de comprovação de experiência na administração de recursos de Regimes Próprios de Previdência por parte da instituição, os fundos não serão analisados, no momento, pelo Comitê de Investimentos, considerando que a Carteira de Investimentos do IPMU, possui no rol de investimentos, fundos na mesma categoria, com prazo de carência inferior e com gestão e administração de instituições financeiras com grande experiência comprovada na administração de recursos de Regimes Próprios de Previdência. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião e para que conste, eu, Sirleide da Silva, que secretariei os trabalhos, lavrei a presente ata que após lida e aprovada, vai por mim assinada, e pelos demais.

